

ECOSSISTEMA EDUCOMUNICATIVO E CULTURA DIGITAL: POTENCIALIDADES NOS ESPAÇOS ESCOLARES

EDUCOMMUNICATIVE ECOSYSTEM AND DIGITAL CULTURE: POTENTIALITIES IN SCHOOL SPACES

Wanessa Matos Vieira¹
Ademilde Silveira Sartori²

Resumo

Este artigo apresenta resultados encontrados em pesquisa que indagou sobre a Educomunicação pensada no contexto da cultura digital e tem como objetivo contribuir para a discussão da Educomunicação e sua relação com a cultura digital. Com o desenvolvimento de tecnologias digitais que proporcionam comunicação e conectividade, bem como o atravessamento da sociedade pela cultura digital, faz sentido pensarmos nas contribuições e que trazem para a educação. Nesse sentido, é preciso refletir sobre como vivenciamos a cultura digital e suas potencialidades educativas nos espaços escolares. A cultura digital criou um novo modelo de consumidor midiático mais ativo, participativo, coautor e criativo e, além disso, viabilizou o nascimento de um produtor de conteúdo e influenciador digital conhecido como *Youtubero* produtor de conteúdo da mídia social *YouTube*. Nesse sentido, algumas questões surgem: como podemos olhar para o fenômeno dos *youtubers* e encontrar critérios para fortalecer práticas pedagógicas baseadas no diálogo, criatividade, criticidade e aprendizagem colaborativa? Como a compreensão desse fenômeno pode nos ajudar a construir um ecossistema educacional nos espaços escolares? A pesquisa foi realizada com uma abordagem documental do tipo etnográfica utilizando a codificação de dados qualitativos como técnica de análise buscando elucidar possíveis conexões entre Educomunicação e cultura digital. Os dados foram coletados do canal do *youtuber* Felipe Neto. As conclusões possibilitam avanços sobre a discussão a respeito da construção de ecossistemas educacionais em espaços escolares considerando o contexto da cultura digital.

Palavras-chave: Educomunicação. Cultura digital. Ecossistema educacional.

Abstract

This article presents results found in research that inquired about Educommunication thought in the context of digital culture and aims to contribute to the discussion of Educommunication and its relationship with digital culture. With the development

¹ Doutora e mestre em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Possui formação em Pedagogia pelo Centro Universitário Municipal de São José. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Educom-Flóripa (UDESC/CNPq). E-mail: wanessamvieira93@gmail.com

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela Universidade Aberta de Portugal e pela Universidade Complutense de Madri, Espanha. Doutora Honoris Causa em Educação pela Logos University Int., EUA. Professora Titular do Departamento de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Sócia-fundadora da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação. Coordenadora do Laboratório de Mídias e Práticas Educativas (LAMPE/FAED/UDESC) e Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Educom-Flóripa (UDESC/CNPq). E-mail: ademildesartori@gmail.com

of digital technologies that provide communication and connectivity, as well as the crossing of society by digital culture, it makes sense to think about the contributions they bring to education. In this sense, it is necessary to reflect on how we experience digital culture and its educational potential in school spaces. Digital culture created a new model of more active, participative, co-authored, and creative media consumers and, in addition, enabled the birth of a content producer and digital influencer known as Youtuber: the YouTube social media content producer. In this sense, some questions arise: how can we look at the phenomenon of youtubers and find criteria to strengthen pedagogical practices based on dialogue, creativity, criticality and collaborative learning? How can understanding this phenomenon help us build an educative ecosystem in school spaces? The research was carried out with a documentary approach of the netnographic type, using coding of qualitative data as technique of analysis and, seeking to elucidate possible connections between Educommunication and digital culture. The data were collected from the youtuber Felipe Neto's channel. The conclusions allow advances on the discussion regarding the construction of educative ecosystems in school spaces considering the context of digital culture.

Keywords: Educommunication. Digital culture. Educative ecosystem.

Introdução

A cultura digital apresenta-se como um processo de reestruturação das nossas relações sociais, políticas e educacionais mediadas pelas tecnologias digitais, enfim, afetando em maior ou menor grau todos os aspectos da vida humana. Não se trata somente do uso de tecnologias digitais, mas da nossa vida e da maneira como organizamos nossas relações. A nossa vida já é digital, afinal, os recursos tecnológicos digitais afetam não apenas a organização e a gestão de processos que envolvem nosso cotidiano (como o acesso ao resultado de exames pela internet pelo médico e pelo próprio paciente dias antes da consulta, por exemplo), mas, também, nossas subjetividades quando agimos e nos relacionamos por redes de comunicação de modo virtual ou não.

Nesse artigo, compreendemos a cultura digital como um desdobramento da cultura. No presente período histórico, dado a convergência proporcionada pelo desenvolvimento tecnológico e a escala do alcance e do impacto da informação por meio das mídias digitais, é fundamental a reflexão sobre as implicações que o digital trouxe para nossas construções sociais, culturais e políticas.

Convergência diz respeito a coexistência das tecnologias e seus produtos em diálogo e proporcionando novas formas de experimentação da arte, da economia e da educação entre outros aspectos. Convergência é uma forma diferente de consumir e criar conteúdo, que vai na contramão das mídias analógicas, nas quais o consumidor apenas recebe o conteúdo

de forma passiva e pouco participativa. Convergência na cultura digital diz respeito ao papel do consumidor-produtor, aquele que consome e ao mesmo tempo produz um conteúdo pensado a partir de sua narrativa. Como consequência, a participação é entendida como fundamental para produzir conteúdo de forma descentralizada e ocupar os espaços por meio do digital, ainda que esses espaços estejam fora das telas. Assim, convergência e participação são elementos fundamentais para se pensar a cultura digital e se constituem como aspectos importantes para a reflexão sobre a relação entre cultura digital e a prática pedagógica educucomunicativa.

A participação é necessária no funcionamento das mídias sociais e, dentre elas, a plataforma de publicação de vídeos *YouTube*. Burgess e Green (2009, pg. 23) afirmam que “para o *YouTube*., a cultura participativa não é somente um artifício ou um adereço secundário; é, sem dúvida, seu principal negócio. É possível assumir, de acordo com Sibilia (2008), que os *YouTubers* trouxeram um jeito diferente de se comunicar com a sua audiência: mais participativo, direto e empático, levando em conta o que o público quer consumir. A plataforma auxilia seus produtores de conteúdo nesse aspecto, pois desenvolve estratégias para manter contato direto com a audiência: viabiliza comentários, oferece a opção de “Gostei” e “Não gostei” que traduz ao *Youtuber* se o vídeo agradou ou não sua audiência.

Não há como negar que o *YouTube* já faz parte das referências midiáticas dos brasileiros, e é claro que isso não seria diferente para o público infantil. Parte do público infantil estabelece conexões com seus *Youtubers* favoritos e, para essa audiência, já existe uma nova forma de estar junto e compartilhar experiências decorrentes da cultura digital. O *Youtuber* Felipe Neto encabeça o ranking dos *youtubers* mais influentes para o público infantil (MEIO&MENSAGEM, 2018).

As crianças apropriam-se e atribuem significados a esses conteúdos tornando-os parte de suas referências midiáticas. Além disso, levam esse discurso para dentro dos muros da escola, fazendo com que ele circule no ambiente escolar. Nesse contexto, justifica-se a realização de uma pesquisa³ qualitativa que buscou entender como as características da cultura digital existente em canais do *YouTube* pode informar uma prática pedagógica que não dissocie a experiência cultural de jovens e crianças das aprendizagens escolares.

A pesquisa realizada teve caráter exploratório, pois de acordo com Severino (2007) “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar

3 A pesquisa fundamentou a tese intitulada *Educomunicação e cultura digital: a construção de ecossistemas educucomunicativos em espaços escolares*, defendida em novembro de 2022 por Wanessa Matos Vieira, pelo PPGE/UDESC, cujos resultados embasam esse artigo.

maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Nesse sentido, Gil (2008, p. 27) afirma que “o produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados”.

A pesquisa tinha como objetivo geral contribuir para a discussão sobre a Educomunicação e sua relação com a cultura digital com vistas a compreender como dialogam de modo a possibilitar a construção de ecossistemas educomunicativos no espaço escolar. Para alcançar tal objetivo, optou-se por uma pesquisa documental do tipo netnográfica. Segundo Kozinets (2014, p. 10), a netnografia foi desenvolvida para nos ajudar a entender o mundo dessas pessoas. Ela foi idealizada na área da pesquisa de marketing e consumo, contudo, é possível aplicar a netnografia em uma pesquisa relacionada à educação.

Para a coleta de dados, foi escolhido o canal do *youtuber* Felipe Neto. Os dados coletados foram classificados como arquivados. Os dados arquivados, de acordo com Kozinets (2014), são dados que o pesquisador copia diretamente de comunicações mediadas pela internet. São dados preexistentes dos membros de uma comunidade online, cuja criação ou estimulação o pesquisador não está diretamente envolvido. Foi criado um QR Code para acesso ao banco de dados⁴ arquivados como ilustramos na Figura 1. Dessa forma, o banco de dados ficou disponível para todos os leitores que tenham interesse. No banco de dados constam todos os prints obtidos da página do *youtuber* Felipe Neto bem como as transcrições realizadas. A coleta de dados começou no início do ano de 2020 e se encerrou no começo do ano de 2022.



Figura 01 - QR Code do banco dos dados arquivados

Fonte: VIEIRA, 2022, p. 102.

⁴ O banco de dados arquivados pode ser encontrado pelo QR Code ou pelo link:
<https://drive.google.com/drive/folders/1pFAu99zjk8-ZX7jWzqNqOxBIOP58xS9a>

Gibbs (2009) propõe uma técnica de codificação dos dados coletados de uma pesquisa qualitativa em três etapas que são a codificação descritiva, a codificação analítica e a codificação teórica. A codificação descritiva utiliza palavras próximas ou até mesmo termos originais do texto em análise, repetindo a ideia que aquele texto transmite à primeira vista. A codificação analítica busca aplicar um código que represente a ideia transmitida pelo texto analisado de maneira mais aprofundada. Opera como um primeiro nível de refinamento da interpretação de um texto para uma compreensão mais aperfeiçoada do seu conteúdo. A codificação teórica é a etapa de refinamento desse processo de interpretação dos dados quando se busca desenvolver uma teoria, seja ela nova ou baseada em teorias já existentes, que sugira formas novas de explicar os dados analisados. A análise de cada dado (que passamos a chamar de documento) analisado gera uma tabela específica que é composta pelos itens apresentados no Quadro 1:

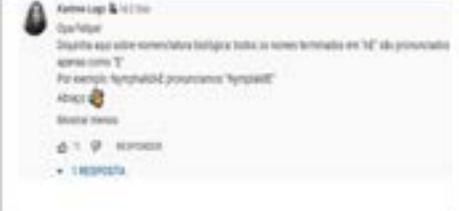
Quadro 1 – Composição da tabela com o dado analisado

	Etapa da categorização	Objetivo
Documento		Apresentação do documento
Código	Descritiva	Palavras próximas ou termos originais
Categoria de análise	Analítica	Código transformado em categorias de análise
Assertiva	Teórica	Assertiva criada a partir das categorias de análise

Fonte: elaborado pelas autoras

Devido a quantidade, complexidade dos dados e o pouco espaço disponível em um artigo, apresentamos a análise de um dos documentos coletados na tabela resultante como demonstração do processo da análise dos dados com as conseqüentes premissas que servirão de base para se pensar os ecossistemas educucomunicativos e a prática pedagógica educucomunicativa. Os dados são fornecidos pela extração de trechos (documentos) da página do Felipe Neto no *YouTube* e sua análise é organizada em tabelas conforme exemplificado abaixo na Tabela 1.

Tabela 1- Dado analisado

Documento	Código	Categoria de análise	Assertiva
	Dica de uma inscrita para o youtuber por meio da aba de comentários	Participação	Para que um ecossistema educucomunicativo seja criado, a participação tem que ser garantida no processo de construção do conhecimento

Fonte: elaborado pelas autoras adaptado de VIEIRA (2022, p.126)

O documento mostra um comentário feito por uma consumidora do canal de Felipe Neto com o qual participa da produção do conteúdo do canal. No comentário, a usuária do *YouTube* faz uma correção à forma como Felipe Neto pronuncia o nome científico de alguns animais em um vídeo cujo conteúdo trata dos animais mais curiosos do mundo. A participação é uma potencialidade da plataforma que foi utilizada.

Com a ajuda da tabela apresentada acima, podemos perceber que o dado é apresentado ao leitor conforme encontrado na página do *youtuber* e, ao lado, encontramos o código associado, as categorias de análises e a assertiva associada ao documento. No exemplo apresentado acima, ao documento associa-se o código “Dica de uma inscrita para o *youtuber* por meio da aba de comentários”, identifica-se a categoria de análise “participação” e apresenta-se assertiva que pode ser associada ao documento e que remete ao ecossistema educucomunicativo.

Os dados coletados foram todos categorizados com as categorias “participação” e “convergência” e a partir da análise teórica foram constituídas seis assertivas (VIEIRA, 2022) que, sintetizadas, resultaram nas cinco premissas apresentadas nesse artigo para discutir um ecossistema educucomunicativo no espaço escolar. Para que possamos pensar o ecossistema educucomunicativo no espaço escolar, as cinco assertivas que apresentamos são:

- Uma experiência dialógica entendida conforme as características da cultura digital torna-se condição para a criação e fortalecimento do ecossistema educucomunicativo em espaços escolares.
- As necessidades dos estudantes devem ser levadas em consideração para que um ecossistema educucomunicativo seja criado.
- A construção coletiva e colaborativa do conhecimento é fundamental para a criação de ecossistema educucomunicativo.
- O espaço escolar precisa ser reconhecido como um lugar de cruzamento de referências midiáticas e produção de cultura e conhecimento.
- A participação de estudantes e professores em condições de igualdade no processo de construção do conhecimento é necessária para que um ecossistema educucomunicativo seja criado.

As assertivas acima nos ajudarão a explicitar como podemos compreender um ecossistema educucomunicativo no espaço escolar, antes, porém, precisamos situar a educação e a prática pedagógica educucomunicativa no contexto da cultura digital.

Cultura Digital, Educomunicação e Prática Pedagógica Educomunicativa

Quando pensamos na proximidade que as crianças e adolescentes têm com as mídias digitais e, nesse caso com o *YouTube*, entendemos que a potencialidade participativa dessas mídias seja um dos principais motivos pelos quais fazem parte da vida dos mais jovens.

Nesse sentido, Martín-Barbero (2014, p. 82) afirma que:

Somente colocadas em perspectivas históricas essas mudanças deixam de alimentar o viés apocalíptico com que a escola, os professores e muitos adultos olham a empatia dos adolescentes com esses outros modos de circulação e articulação dos saberes que são os meios audiovisuais, os videogames e o computador.

A maneira como o sujeito que vive na cultura digital seleciona e organiza seus conhecimentos precisa ser levado em conta nos espaços escolares, haja vista que o saber tornou-se descentralizado e extrapolou os muros da escola. O modo de aprendizagem e de comunicação não pode se manter o mesmo diante do papel desempenhado pelas mídias digitais, por isso, as preocupações pedagógicas devem seguir o ritmo do estudante atravessado por referências midiáticas.

Pensando nas potencialidades participativas que a cultura digital nos oferece, Shirky (2012) chama de excedente cognitivo a soma de tempo, energia e talento das pessoas, que permite que usuários, antes isolados, possam se reunir em grandes transformações. Logo, percebemos que a tecnologia possibilita essas transformações, mas não é capaz de causá-las sozinha.

Sobre isso, o autor afirma que “os usos sociais de nossos novos mecanismos de mídia estão sendo uma grande surpresa, em parte porque a possibilidade desses usos não estava implícita nos próprios mecanismos” (SHIRKY, 2012, p. 20-21). Quando transferimos tal lógica para os espaços educativos, entendemos que para que as mídias digitais gerarem transformação na nossa prática pedagógica, precisamos levar em consideração que é o uso do potencial criativo, colaborativo e participativo que tornará a aprendizagem significativa para os estudantes.

Criar conteúdo costumava ser uma atividade exclusiva da televisão, da rádio, do cinema e da imprensa por meio de editores, diretores, redatores e demais profissionais. O que a cultura digital nos proporcionou, com seus produtos e aparatos tecnológicos, foi a oportunidade de criar conteúdo

para qualquer um que estiver interessado em consumi-lo e dele participar. A questão que nos interessa é o que fazer com todo esse potencial participativo. Segundo Shirky (2012, pg 14) “a pergunta será respondida muito mais decisivamente pelas oportunidades que fornecermos uns para os outros e pela cultura dos grupos que formarmos do que por qualquer tecnologia em particular”.

Esse processo, de acordo com Jenkins (2008), é o que interessa. As formas inéditas de produzir e distribuir conteúdo, fundam uma nova cultura. Segundo o autor, o fenômeno de convergência de mídias afeta e transforma não só a maneira como o produto é recebido e consumido pelo público, mas também a forma como o conteúdo é pensando em sua produção, com características participativas que por muitos anos foram ignoradas pelos grandes meios de comunicação.

Ao transferirmos essa lógica para os espaços educativos ficam evidentes os benefícios de colocarmos os estudantes no papel e criadores de conteúdo, tendo possibilidade de expor suas produções. As mídias digitais entram como facilitadoras no processo criativo de construir um produto próprio e pessoal. Segundo Martín-Barbero (2014, p. 120) essa lógica se explica:

Pois meios e tecnologias são para os mais jovens lugares de um desenvolvimento pessoal que, por mais ambíguo e até contraditório que seja, eles converteram no seu modo de estar junto e expressar-se. Então, devolver aos jovens espaços nos quais possam se manifestar estimulando práticas de cidadania é o único modo pelo qual uma instituição educativa, cada vez mais pobre em recursos simbólicos e econômicos, pode reconstruir sua capacidade de socialização.

A perspectiva do autor reafirma a importância das mídias digitais para os mais jovens como forma de comunicação e exposição de suas narrativas ao mundo. Negar o uso de tais dispositivos é desconsiderar uma parte importante da subjetividade dos sujeitos que compõe o espaço escolar. Além disso, conceitos e práticas que tais dispositivos agenciam impulsionados pela conexão ubíqua continuam presentes com os sujeitos que fazem parte do espaço escolar, pois não há separações entre on-line e off-line: as relações entre mídias digitais e os mais jovens são híbridas, como uma espécie de continuação de seus corpos. Nesse sentido, concordamos com Martín-Barbero (2014, p. 128) quando o autor afirma que “hoje em dia, a tecnologia já não é pontual, ela nos atravessa de ponta a ponta tanto espacial como temporalmente”. Refletir sobre essa intensa relação

existente entre os mais jovens as mídias digitais também precisa ser tarefa da Educomunicação pensada no contexto da cultura digital.

A Educomunicação

A Educomunicação surge a partir da reflexão sobre as possíveis relações entre duas áreas distintas do conhecimento: a Educação e a Comunicação. Essa é denominada de Educomunicação, um campo do conhecimento teórico-prático que surgiu na década de 1990, fruto dos estudos do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP) e que busca entender todas as relações entre a educação e a comunicação nas suas mais diversas dimensões e, entre elas, as relações existentes entre a escola e as mídias, tanto críticas quanto de produção, expressão e gestão de processos comunicativos (SOARES, 2011). Alguns pensadores, dentre os quais se destacam Paulo Freire na Educação e Mario Kaplún na Comunicação, contribuíram com o seu conhecimento e a sua prática para a reflexão sobre essas duas áreas do conhecimento de forma correlata.

O NCE-USP desenvolveu por meio de pesquisas algumas hipóteses para refletir sobre o processo de consolidação desse novo campo do conhecimento. Segundo Soares (2011, p. 25) a primeira hipótese é a de que a Educomunicação estaria “inaugurando um novo paradigma discursivo transversal, constituído por conceitos transdisciplinares”. A segunda hipótese, ainda de acordo com o autor seria a de que “O novo campo, por sua natureza relacional, estrutura-se de um modo processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais, através de áreas concretas de intervenção social.” (SOARES, 2011, p. 36).

Nesse sentido, Mario Kaplún e Paulo Freire pensaram na Comunicação e na Educação como áreas do conhecimento integradas, pois compreenderam que não há como educar sem comunicar e não há como comunicar sem educar. Assim, o neologismo da maneira como concebemos hoje - Educomunicação - passou a ser divulgado e compartilhado em produções sobre o tema, nos textos do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo - NCE-USP.

A pesquisa que levou a definição do conceito, de acordo com Soares (2011, p. 35):

[...] partiu da evidência de que transformações profundas vinham ocorrendo no campo da constituição das ciências, em especial as humanas, incluindo a área que abrigava a

interface Comunicação/Educação, notando, ademais, uma verdadeira derrubada da fronteira entre as disciplinas.

A investigação conduzida pelo NCE-USP, que trabalhou com programas e projetos provenientes de doze países da América Latina que de alguma maneira relacionavam sua prática de trabalho à interface educação/comunicação, chegou ao fim descrevendo um novo campo de intervenção social, e o definiu como:

O conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas. (SOARES, 2011, p. 36).

O conceito passou a circular internacionalmente com mais intensidade em artigos e livros. Assim, de acordo com Soares (2011, p. 37) “a Educomunicação” enquanto teia de relações (ecossistemas) inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas “não emerge espontaneamente num dado ambiente. Precisa ser construída intencionalmente”.

A Educomunicação fundamenta-se na concepção de mediação de Jesús Martín-Barbero e na concepção dialógica do pesquisador Paulo Freire. Para Soares (2002, p. 24):

[...] a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. Para tanto, supõe uma teoria da ação comunicativa que privilegie o conceito de comunicação dialógica; uma ética de responsabilidade social para os produtores culturais; uma recepção ativa e criativa por parte das audiências; uma política de uso dos recursos da informação de acordo com os interesses dos polos envolvidos no processo de comunicação (produtores, instituições mediadoras e consumidores da informação), o que culmina com a ampliação os espaços de expressão.

Contudo, nos propomos a refletir sobre a Educomunicação sob a ótica dos espaços escolares. Martín-Barbero (2011, p. 123) destaca “[...] que nada pode prejudicar mais a educação do que nela introduzir modernizações tecnológicas sem antes mudar o modelo de comunicação que está por debaixo do sistema escolar”, assim, apesar do contexto da cultura digital sob o qual nossos estudantes estão inseridos, entendemos

que a mudança precisa passar pelo campo comunicativo que sustenta uma prática pedagógica baseada no diálogo.

Nesse sentido, concordamos com Martín-Barbero (2014, p. 79) quando o autor afirma que “a tecnologia remete hoje não à novidade de uns aparatos, mas sim a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escrituras”. Os espaços escolares e os discursos docentes passam pelo encontro com o universo cultural dos estudantes, que, hoje em dia, é altamente influenciado por referências midiáticas como o *YouTube* e outras mídias sociais.

A Educomunicação propõe à escola pensar em práticas pedagógicas que deixem de enxergar seus estudantes como sujeitos passivos e passem a vê-los como sujeitos produtores de cultura. Dessa forma, a Educomunicação possibilita a reflexão das práticas pedagógicas nos espaços escolares objetivando a formação de sujeitos criativos, críticos e produtores de cultura no contexto de uma sociedade perpassada pelas mídias e suas diversas linguagens e processos de produção.

O novo contexto da cultura digital impõe à Educomunicação a reflexão de perspectivas específicas. É muito difícil prever quais serão as novas tendências tecnológicas e as diferentes formas como as crianças as subjetivarão, por isso a Educomunicação enfrenta novos desafios quando analisada sob o ponto de vista da cultura digital. Nesse sentido, concordamos com Martín-Barbero (2014, p. 79) quando o autor afirma que “a tecnologia remete hoje não à novidade de uns aparatos, mas sim a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escrituras”. Os espaços escolares e a prática pedagógica passam pelo encontro com o universo cultural dos estudantes, que, hoje em dia, é altamente influenciado por referências midiáticas como o *YouTube* e outras mídias sociais.

Sobre isso, Aparici (2014, p. 32) afirma que:

Este novo cenário e as tecnologias da comunicação são elementos que configuram o objeto de estudo, pesquisa e produção da Educomunicação em âmbitos analógicos e digitais, e sua filosofia impregna qualquer tipo de tecnologia, seja ela a web 1.0, 2.0, 2.1, 3.0 etc. Como a escola está sempre inserida na cultura, reconhecemos a necessidade de pensar a Educomunicação no contexto da cultura digital, pois entendemos que existem particularidades que devem ser consideradas pelos estudos que envolvem a contemporaneidade.

É necessário que o campo teórico-prático da Educomunicação esteja disposto a refletir sobre temas pertinentes ao contexto da cultura digital:

Para dar conta dessa complexidade, o campo da comunicação/educação obriga a inclusão de temas como mediações, criticidade, informação e conhecimento, circulação das formas simbólicas, ressignificação da escola e do professor, recepção, contextualização sociocultural da realidade, consumo/consumidor, entre muitos outros. (BACCEGA, 2009, p. 35).

Baccega (2009) acredita que as disputas existentes entre as agências socializadoras, como a escola e a família, confrontadas com os meios de comunicação geram um embate que constitui o campo da Educomunicação. Ainda segundo a autora:

Nesse campo se constroem sentidos sociais novos, renovados ou ratificam-se mesmo sentidos com roupagens novas. Tudo isso ocorre num processo dialógico de interação com a sociedade, lugar de práxis que desenha e redesenha os sentidos, no caminho da tradição ou da ruptura, do tradicional ou do novo, da permanência ou da mudança. A constituição do novo nunca se poderá dar sem que os resíduos do velho estejam presentes. A ruptura total nunca ocorre. (BACCEGA, 2009, p. 31).

Assim, compreender o terreno estabelecido pela cultura digital e refletir de que maneira podemos ressignificar nossas práticas pedagógicas tendo como foco o desenvolvimento crítico, criativo e reflexivo dos nossos estudantes nos parece ser o grande desafio imposto à Educomunicação quando pensando à luz da cultura digital.

A cultura digital e a prática pedagógica educacional

Por sua vez, o conceito de cultura digital é polêmico e polissêmico. O termo vem sendo apropriado por múltiplos setores da sociedade e incorpora perspectivas distintas sobre os impactos das tecnologias digitais em nossas vidas. Para Pretto e Assis (2008, p.78) “a cultura digital é um espaço aberto de vivência dessas novas formas de relação social no espaço planetário. O exercício das mais diversas atividades humanas está alterado pela transversalidade com que se produz a cultura digital”.

Ainda de acordo com os autores:

Produzir informação e conhecimento passa a ser, portanto, a condição para transformar a atual ordem social. Produzir

de forma descentralizada e de maneira não-formatada ou preconcebida. Produzir e ocupar os espaços, todos os espaços, através da rede. Nesse contexto, a apropriação da cultura digital passa a ser fundamental, uma vez que ela já indica intrinsecamente um processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, afetando em maior ou menor escala todos os aspectos da ação humana. (PRETTO; ASSIS, 2008, p. 78).

Sobre isso, Jenkins (2008, p. 152) afirma que “o *YouTube* como plataforma e a cultura participativa como *ethos* inspiram uma nova espécie de subjetividade que transforma todos os consumidores em autores potenciais”. Dessa forma, a cultura participativa descrita por Shirky (2012) relaciona-se diretamente com a cultura da convergência retratada por Jenkins (2008) de modo que em ambas podemos afirmar que as mídias modernas tais como o *YouTube* e outras mídias digitais fazem com que o poder do produtor de conteúdo e o poder do consumidor dialoguem de formas nunca antes observadas.

Se antes entendíamos produtores de conteúdo midiático e consumidores de formas distintas e em papéis separados, agora, podemos vê-los como participantes que interagem entre si seguindo regras novas que são construídas diariamente. Nesse contexto, segundo Shirky (2012, p. 46), “a mídia inclui possibilidades de consumir, produzir e compartilhar lado a lado, e essas possibilidades estão abertas a todos”.

Nesse cenário, faz-se necessário encarar o contexto da cultura digital com o entendimento de que a tecnologia não determina a cultura, mas ambas são forças que se alinham e se constroem mutuamente e tem igual e crucial importância. É por meio de nossas necessidades que criamos e escolhemos as tecnologias que nos cercam, ao mesmo tempo em que somos moldados por elas. A relação existente entre a cultura e as tecnologias cria um rizoma intenso, um entrelaçamento que está presente em nossos espaços escolares.

O cenário descrito até aqui pode nos fornecer subsídios para refletir sobre a educação escolar no contexto da cultura digital. As mídias digitais unidas à conexão criam um espaço desterritorializado, fazendo com que todos possam fazer parte de uma ação em rede. Dessa forma, conseguimos compreender como a cultura digital precisa ser incorporada às nossas práticas pedagógicas.

Nesse sentido, práticas pedagógicas devem estar em conformidade com o potencial participativo e criativo das mídias digitais, já que elas são uma forma de edição do mundo, mas não somente para aqueles que

tem acesso a elas, já que independentemente de possuírem ou não dispositivos tecnológicos, todos nós temos nossas sensibilidades alteradas com o atravessamento do digital em nossas vidas. (BACCEGA, 2009).

O que nos parece ser uma questão fundamental quando pensamos no uso das mídias digitais em espaços escolares é a necessidade de refletir sobre práticas pedagógicas que utilizem o potencial participativo, crítico e criativo que esses espaços oferecem: as práticas pedagógicas precisam ser educucomunicativas. O sujeito que frequenta nossos espaços escolares já não está disposto a aprender somente reproduzindo ou copiando, o que segundo Martín-Barbero (2014, p. 131) nos faz perceber que:

[...] estamos diante de um sujeito cuja autoconsciência é enormemente problemática porque o mapa de referências de sua identidade já não é um só, os referentes de seus modos de pertencimento são múltiplos e, portanto, é um sujeito que se identifica a partir de diferentes âmbitos, com diferentes espaços, trabalhos, gostos, estilos de vida.

Assim, compreender o terreno estabelecido pela cultura digital e refletir de que maneira podemos desenvolver práticas pedagógicas educativas (PPE) é colocar o foco no desenvolvimento crítico, criativo e reflexivo dos nossos estudantes. Desenvolver práticas pedagógicas educucomunicativas nos parece ser o grande desafio imposto à escola quando pensada à luz da cultura digital.

A prática pedagógica educucomunicativa preocupa-se com a comunicação dialógica e emancipatória do uso das mídias, que potencializa espaços de diálogo e expressão na escola promovendo ecossistemas educucomunicativos entre professores, estudantes e comunidade escolar de modo geral, favorecendo o exercício democrático da cidadania de forma crítica, com sujeitos conscientes de si e de seu papel na sociedade.

Entendemos a partir de Sartori e Souza (2012) que o mais importante não é a apropriação das tecnologias digitais por si só, mas sim o fortalecimento do processo comunicativo. Nesse sentido, concordamos com o entendimento de Sartori (2015, p.119) de que:

A Educomunicação é antes de tudo, uma *práxis* que, como tal, pressupõe uma maneira de compreender o mundo, uma forma de estar nele, de se entender nele e como atuar nele. O respeito ao e o exercício dos direitos humanos refletem a maneira de exercer esse modo de ser/estar/agir no mundo.

Compreendemos e ressaltamos o papel das tecnologias digitais nos espaços escolares, contudo, percebemos que não se trata de uma questão meramente tecnológica, mas de uma dimensão metodológica, pedagógica e ideológica. É por isso que concordamos com Schöninger (2017, p. 68) quando a autora afirma que:

A epistemologia da Educomunicação está justamente na intervenção social, materializada na coerência entre a teoria e a prática, na interação, na construção coletiva do conhecimento, ou seja, nas ações e nas reflexões concomitantemente, no diálogo que promove o saber, nas possibilidades de comunicar, de entender a inter-relação e de compreender o mundo por meio da comunicação interativa.

Assim, pensando a partir da perspectiva da Educomunicação, corroboramos com Citelli (2011, p. 63) quando o autor afirma que “os novos desafios postos à educação, graças aos modos singulares como a informação e o conhecimento são elaborados, distribuídos e socialmente intercambiados, precisam ser vistos em função do cenário que designamos de ecossistema comunicativo”. É acerca dos ecossistemas comunicativos que nos propomos a refletir a seguir, para que em seguida possamos elucidar o conceito de ecossistema educucomunicativo em espaços escolares.

Ecossistemas Educomunicativos

Jesús Martín-Barbero (1999) nos alertou: precisamos dar importância para os ecossistemas comunicativos da mesma forma como nos preocupamos com os ecossistemas naturais, isso porque o autor reconhece a comunicação a partir da cultura e a entende como mediadora de todos os aspectos da vida social. Com essa afirmação, o autor associou o conceito de ecossistema comunicativo às relações estabelecidas pelo agrupamento de linguagens, narrativas e relações estabelecidas em um determinado espaço e não somente às tecnologias da informação e comunicação. Assim como no conceito de ecossistema desenvolvido pela área da Biologia, é importante perceber que existem diferentes relações de troca dentro dos ecossistemas comunicativos, e que essas trocas acontecem em distintos níveis, além disso, assim como o é o caso dos ecossistemas naturais, dentro dos ecossistemas comunicativos podem existir ecossistemas maiores e/ou menores.

O conceito de ecossistema comunicativo foi ressignificado por Soares (2011, p. 44) como “[...] um ideal de relações, construídos coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o

diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e suas tecnologias”.

A partir dos desafios impostos à escola de pensar em práticas que dialoguem com a cultura digital, tenham como sustentação relações dialógicas e trazendo os ecossistemas comunicativos sob a perspectiva da Educomunicação, Sartori (2021) anuncia um ecossistema comunicativo específico: o ecossistema educomunicativo. De acordo com a autora Ecossistemas comunicativos e ecossistemas de aprendizagem partilham do mesmo projeto: proporcionar educação. Quando a concepção de aprendizagem e a de comunicação se dão pela ideia da dialogicidade e da ação em rede, temos um ecossistema educomunicativo. (SARTORI, 2021, p. 74).

Assim, a inquietação em alinhar o modelo comunicacional dos espaços escolares ao modelo comunicacional dialógico fez surgir o ecossistema educomunicativo. De acordo com a autora “Pelo seu caráter dinâmico, colaborativo e descentralizado, com possibilidades diversas de dinâmicas comunicacionais, um ecossistema educomunicativo encontra mais condições de realizar uma prática pedagógica educomunicativa se adotar o Modo Rede de comunicação. (SARTORI, 2021, p. 72).

O Quadro 2 é uma releitura da proposta de Vieira (2022) que, por sua vez, se basea no esquema proposto por Sartori (2021) para um ecossistema educomunicativo a partir da noção básica de ecossistemas para explicitar a estrutura de um ecossistema educomunicativo pensado nos espaços escolares.

Quadro 2: Componentes do ecossistema educomunicativo em espaços escolares

Ecossistema Educomunicativo nos espaços escolares		
Objetivo	Proporcionar educação no contexto da cultura digital	Cultura digital: o conjunto de práticas e formas de interações sociais exercitadas a partir dos recursos das tecnologias digitais
Concepção de aprendizagem	Ação em rede	Práticas Pedagógicas Educomunicativas: possibilitam a aprendizagem em rede
Concepção de relação	Dialogicidade	Colaboração, co-autoria, mediações
Componentes bióticos	Estudantes, professores, gestores, colaboradores, familiares e demais sujeitos da escola	
Componentes abióticos	Infraestrutura física e tecnológica, materiais didáticos, mobiliário, laboratórios entre outros	

Fonte: elaborado pelas autoras adaptado de VIEIRA (2022, p.151)

Dessa forma, o ecossistema educomunicativo se materializaria no ambiente de um espaço escolar. Nesse sentido, enxergamos na PPE uma

possibilidade de repensar e propor práticas com vistas à aprendizagem em rede.

Quanto aos componentes que mutuamente afetam e são afetados pela construção de um ecossistema educacional nos espaços escolares, os separamos em componentes bióticos e componentes abióticos. Dentre os componentes bióticos podemos citar os estudantes, professores, gestores, colaboradores, familiares e todos os sujeitos que compõem o espaço escolar. É importante destacar que as relações desses sujeitos são diretamente afetadas uns pelos outros, criando assim uma rede conectada entre si.

Dentre os componentes abióticos afetados pela construção de ecossistemas comunicativos nos espaços escolares destacamos os livros didáticos, mobiliário, infraestrutura física, infraestrutura tecnológica entre outros. Assim, vale destacar que a infraestrutura tecnológica das escolas pode influenciar de maneira significativa na construção dos ecossistemas educacionais. A escola carece de uma internet banda larga, uma quantidade mínima de aparatos tecnológicos de qualidade disponíveis para professores e estudantes, mas, além disso, subverter o raciocínio analógico que desvaloriza o audiovisual e espera que o conhecimento seja construído de forma linear.

Além da infraestrutura tecnológica, a infraestrutura física da escola é afetada a partir do momento em que são propostas novas formas dos estudantes ocuparem os espaços escolares. Seja por meio de oficinas, teatro, música, pintura, a escola passa a ser viva e construída a partir da narrativa dos estudantes.

A construção e o fortalecimento de ecossistemas educacionais em espaços escolares favorece a construção de um ambiente significativo e plural. As relações entre os sujeitos da escola estabelecidas dentro de um ecossistema educacional são fortalecidas e beneficiadas pela adoção de estratégias com as quais os sujeitos possam contribuir de maneira criativa, dialógica e respeitosa, sendo assim, uma comunicação dialógica e respeitosa passa a ser condição para que os ecossistemas educacionais sejam construídos nos espaços escolares.

A concepção de relação na qual um ecossistema educacional se constrói nos espaços escolares é o dialógico, no qual a participação e a convergência são bases fundamentais. Participação e convergência são as categorias básicas da cultura digital. Retomando as premissas básicas para a criação e/ou fortalecimento de um ecossistema educacional escolar no contexto da cultura digital, propomos o esquema exposto no Quadro 3:

Quadro 3: Esquema do ecossistema educucomunicativo em espaços escolares no contexto da cultura digital

Elemento do ecossistema	Condição para a criação e/ou fortalecimento de um ecossistema educucomunicativo
Objetivo	A construção coletiva e colaborativa do conhecimento
Concepção de aprendizagem	Uma experiência dialógica entendida conforme as características da cultura digital
Concepção de relação	A participação de estudantes e professores em condições de igualdade no processo de construção do conhecimento
Componente bióticos	As necessidades dos estudantes devem ser levadas em consideração
Componente abióticos	O espaço escolar precisa ser reconhecido como um lugar de convergência de referências midiáticas e produção de cultura e conhecimento.

Fonte: elaborado pelas autoras adaptado de VIEIRA (2022)

O objetivo de um ecossistema educucomunicativo, como já anunciou Sartori (2021) é proporcionar educação que, no contexto da cultura digital, acontece em rede. A concepção de aprendizagem dos ecossistemas educucomunicativos se concretiza no contexto da cultura digital na sua capacidade de proporcionar diálogo e ação em rede, de modo colaborativo e coautoral por meio da participação e da convergência.

Nesse sentido, prática pedagógica educucomunicativa é uma possibilidade de repensar e propor práticas com vistas à aprendizagem em rede, nas quais as necessidades dos estudantes são levadas em consideração; a relação entre professores e estudantes é baseada na igualdade; o ambiente escolar é compreendido como espaço de convergência e de mediação das referências midiáticas que compõe a experiência cultural dos envolvidos na escola. A prática pedagógica educucomunicativa visa criar e/ou fortalecer ecossistemas educucomunicativos e, no contexto da cultura digital, implica convergência, participação, coautoria, colaboração e ação em rede. Ecossistemas educucomunicativos são redes de aprendizagem.

Considerações Finais

Falamos em cultura aqui, como parte do que nos constitui enquanto seres humanos, com todas nossas subjetividades e diversidades. A partir desse entendimento poderemos finalmente construir um espaço escolar que valorize não somente a cultura escrita, mas também a cultura oral, a cultura audiovisual e também a cultura digital. Por isso, concordamos com Martín-Barbero (2014, p. 91) quando o autor afirma que “culturas no sentido mais forte, posto que nelas emergem e se expressam os muitos e diferentes modos de ver e de ouvir, de pensar e de sentir, de participar e de desfrutar”.

Se nossos estudantes nos mostram que desenvolveram e seguem desenvolvendo outras formas de pertencimento e sociabilidade, que vivenciam as linguagens, as escritas e as narrativas de formas múltiplas, precisamos construir um espaço escolar dinâmico, colaborativo e descentralizado, com possibilidades diversas de dinâmicas comunicacionais e fazer com que nossas práticas pedagógicas sejam educucomunicativas, ou seja, um reflexo desse espaço difuso, complexo e com diferentes discursos midiáticos se cruzando.

A criação de ecossistemas educucomunicativos nos espaços escolares possibilitará a construção de um novo modo de relação entre os ecossistemas comunicativos e os ecossistemas de aprendizagem: fazer lugar de encontro entre a escola e o contexto da cultura digital. Uma das preocupações do ecossistema educucomunicativo é unir a ideia de dialogicidade à ação em rede, construindo espaços onde questões do contexto da cultura digital, como a participação e a convergência, encontrem um solo fértil para estudo e materialização.

A Educomunicação nos espaços escolares como prática cidadã reconhece múltiplas formas de aprendizagem e diferentes contextos: desde o acesso às mídias digitais até a apropriação crítica dos aparatos tecnológicos, desde dinâmicas pedagógicas baseadas em práticas criativas e dialógicas até produções colaborativas e em rede. A participação e a convergência são princípios que regem o ecossistema educucomunicativo no contexto da cultura digital. Uma nova lógica precisa ser considerada: um ecossistema de aprendizagem que valorize as diferenças, a criatividade, a criticidade e a autonomia frente à construção do conhecimento. Dessa forma, o ecossistema educucomunicativo se apresenta como uma possibilidade de relação entre um mundo conectado digitalmente e um ecossistema de aprendizagem que mescla diferentes aparatos tecnológicos, reestruturando-os em um constante processo de repensar as práticas pedagógicas.

Referências

- APARICI, R. Educomunicação: para além do 2.0. In: APARICI, R. (Org.). **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- BACCEGA, M. A. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 19-28, 2009. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v14i3p19-28. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43579>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital**. São Paulo: Aleph, 2009.
- CITELLI, A.; COSTA, M. C. (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- GIBBS, B. **Análise de Dados Qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- KOZINETS, R. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.
- MARTÍN-BARBERO, J. La educación en el ecosistema educativo. **Comunicar**, Huelva, n. 13, p.13-21, 1999. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/229963.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020.
- MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Marília Cristina (Org.). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MEIO&MENSAGEM. **Os canais infantis mais influentes no YouTube**. 2018. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/os-canais-infantis-mais-influentes-no-youtube>. Acesso em 5 mai. 2023.
- PRETTO, N. L.; ASSIS, A. Cultura digital e educação: redes já. In: PRETTO, N. L.; SILVEIRA, S. A. (Org.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologia do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008.0 e Direitos Humanos: um deslocamento de referências. In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil (Org.). **Educação e Comunicação para os Direitos Humanos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.
- SARTORI, A. S. Ecosistema educacional: comunicação e aprendizagem em rede. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 22, n. 48, p. 62 - 79, 2021. DOI: 10.5965/1984723822482021062. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/19624>. Acesso em: 06 de fev. 2023.
- SARTORI, A. S.; SOUZA, K. R. Estilos de aprendizagem e a prática pedagógica educacional na educação infantil: contribuições do desenho animado para a aprendizagem das crianças contemporâneas. **Revista de Estilos de Aprendizaje**, [S. l.], v. 5, n. 10, 2012. DOI: 10.55777/rea.v5i10.958. Disponível em: <http://revistaestilosdeaprendizaje.com/article/view/958>. Acesso em: 06 fev. 2023.
- SCHÖNINGER, R. R. Z. V. **Educomunicação e teoria ator-rede**: a tessitura de redes de aprendizagem via mídias ubíquas. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SHIRKY, C. **A Cultura da Participação**: Criatividade e Generosidade no mundo Conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo, Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 2009.
- SOARES, I. de O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 23, p. 16-25, 2002. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i23p16-25. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/37012>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- SOARES, I. de O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.
- VIEIRA, W. M. **Educomunicação e cultura digital**: a construção de ecossistemas educacionais em espaços escolares. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UDESC, Florianópolis, 150p. 2022.

Submetido em janeiro de 2023

Aceito em janeiro de 2023

Publicado em março de 2023

